

Cartas Pedagógicas: legitimidade e historicização das experiências de vida das mulheres negras na docência

Débora Rocha Silva

Universidade Federal do Pampa, deborards.aluno@unipampa.edu.br

Érica Cilene dos Santos Cardoso

Universidade Federal do Pampa, ericadeus.aluno@unipampa.edu.br

Ana Cristina da Silva Rodrigues

Universidade Federal do Pampa, anacristina@unipampa.edu.br

Introdução

Nós, mulheres negras, não estamos sozinhas. Temos nossas referências ancestrais. Não precisamos de padrinhos e nem de madrinhas, sobretudo, brancos. São as nossas referências femininas e negras que nos dão força.

Nilma Lino Gomes

Este artigo sintetiza o produto de dissertação elaborado no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ensino na Universidade Federal do Pampa. Esse produto apresenta discussões acerca da influência das narrativas das professoras negras, que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental no município de Bagé, Rio Grande do Sul, na sua prática pedagógica. Desvela-se para esse cenário de discussão, a necessidade de dar ao povo negro, o direito de reconhecer-se na cultura nacional através da valorização da sua história e cultura, no que tange a legitimação de sua identidade enquanto descendentes de africanos. Dessa forma, a força deste estudo ocasionou e continuará provocando profundas transformações na forma de pensar e

agir, principalmente, sobre a valorização do pertencimento enquanto sujeito negro e os caminhos que vislumbrem novas realidades para os alunos negros e não negros.

A fundamentação do percurso metodológico alicerça-se na Pretagogia, abordagem pedagógica construída por Sandra Haydée Petit através do livro intitulado Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores. Assim como na Pretagogia, a pesquisa se alimentou dos saberes, conceitos e conhecimentos da Matriz Africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. “A Pretagogia assume uma postura de transformação quando realiza intervenções pedagógicas que visam contribuir para a mudança de postura, com recurso direcionados para a apropriação da Cosmovisão Africana”. (Petit, 2015, p. 120)

Reafirmando a necessidade de se levantar reflexões acerca das práticas pedagógicas para a diversidade étnico-racial focando na legitimação das experiências de vida das professoras negras, elenquei como objetivo geral da pesquisa, identificar e compreender de que forma as experiências de vida das professoras negras influenciam na prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental. Como instrumento principal de coleta de dados para a pesquisa foram utilizadas cartas pedagógicas, cuja temática para a escrita fundamentou-se nos marcadores de africanidades, base da abordagem metodológica Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores (Petit, 2015).

A você, leitor (a), afrodiaspórico como eu, autora da dissertação que resultou neste produto de pesquisa, a força que encontrará ao ler as páginas deste artigo, bem como para aqueles que não se consideram descendentes da Mãe África, quero que este estudo seja significativo, esclarecedor, reflexivo, compreensivo e, sobretudo, que faça despertar a consciência da força, significado e importância da história e cultura do povo negro para você e todos os brasileiros.

A docência e as pesquisas sobre as histórias de vida na prática pedagógica

O protagonismo imbricado às vivências das professoras negras atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas municipais da cidade de Bagé-RS, volta-se, nesta pesquisa, para “a prática de histórias de vida em formação fundamentando-se na ideia de apropriação que o indivíduo faz de sua própria história ao realizar a narrativa de sua vida” (Delory-Momberger, 2006, p. 361).

Segundo Antonio Nóvoa (2013), ao longo das últimas décadas, os especialistas da educação têm-se esforçado por racionalizar o ensino, introduzindo modelos racionalistas face à expansão dos sistemas educativos na segunda metade do século XX. Para ele, a crise de identidade dos professores é resultado da imposição colocada na figura do professor separando o pessoal do profissional. O autor faz uma reflexão sobre esse processo:

Recordemos uma data e a publicação de um livro: 1984 – O professor é uma pessoa. Ao

escolher este título, na sequência de uma importante reunião internacional, Ada Abraham estava consciente da evidência explosiva que ele encerrava. A viragem tinha-se iniciado. Deste então, a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal; trata-se de uma produção heterogênea, de qualidade desigual, mas que teve um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e dos problemáticas da investigação. (Nóvoa, 2013, p. 15).

A inspiração para adentrar nas práticas biográficas surgiu da necessidade de buscar novas perspectivas sobre a constituição da identidade das mulheres negras enquanto docentes e, de acordo com Djamila Ribeiro, falar a partir das mulheres negras é uma premissa importante do feminismo negro. “Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos”. (Ribeiro, 2021, p. 34)

Para a autora, ao reivindicar os diferentes pontos de análise e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem o propõe, percebe-se que essa marcação se torna necessária para entender a realidade que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. “Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma” (Ribeiro, 2021, p. 60).

Corroborando com minhas bases teóricas, volto as atenções para Nilma Lino Gomes (1995) ao relatar, na obra “As Mulheres Negras que vi de perto”, a trajetória de mulheres negras através de um importante diálogo imbricado por olhares, opiniões, histórias de vida e práticas sociais de um grupo de mulheres formadas por professoras negras atuantes na educação básica. Colocando-me neste cenário retratado pela autora e, associando esses elementos aos aspectos já considerados sobre a abordagem das histórias de vida na pesquisa educacional, desvelo, através das palavras de Gomes, minhas intenções neste projeto de pesquisa:

Aproximar-se da mulher negra e professora é aproximar-nos do campo da educação e da cultura. É aproximarmos da escola, dos valores, dos saberes, das representações e éticas que se aprendem, transmitem e vivenciam na instituição escolar. As mulheres negras e professoras revelam lembranças de atitudes racistas na sua infância, na rua, na escola, na vida profissional. Mas como interpretam? Como preconceito? Como discriminação racial? Como atitudes inatas? Ou construídas historicamente? (Gomes, 1995, p. 58).

Ivor F. Goodson (2013, p. 71) considera surpreendente e até injusto que “durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes”. Para o autor, a investigação educacional qualitativa permite ouvir o que o professor tem para dizer, respeitar e tratar os dados que o professor introduz nas narrativas.

Apoiado nestes aportes teóricos, pretendo evidenciar a importância dos estudos autobiográficos e, principalmente, ouvir a voz das professoras pretas a partir das narrativas como ferramentas de abordagem nas aprendizagens pelas experiências vivenciadas.

Histórias de vida e os entrelaçamentos nas pesquisas narrativas em educação

Este estudo constituiu-se na crença teórica que as abordagens das aprendizagens experienciais por meio de narrativas de formação servem de materiais para compreender os processos de formação de conhecimento. De acordo com Marie-Christine Josso (2002, p. 29), “as recordações-referenciais significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais e uma dimensão invisível, que apela para as emoções, sentimentos, sentidos ou valores”.

Ao considerar a percepção da narrativa na proposição assumida por Maria Souza e Carmen Cabral (2015), defende-se a perspectiva da tessitura da narrativa a partir da ação e reação das professoras pretas, sujeitos da minha pesquisa. Torna-se, portanto, relevante para o contexto de formação, objetivo metodológico adotado neste estudo, a concepção da professora negra da escola pública como narradora-personagem-escritora de histórias, ponto principal na situação de formação, característica essencial da pesquisa ação, proposta do curso de extensão “Pretagogia: construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula”.

Em consonância, o estudo assumiu a luta pela utilização das palavras para valorizar os diferentes saberes constituídos pelas experiências ao longo da vida das professoras negras, assumindo suas vivências, correlacionado com as palavras. Neste estudo, oportunizou-se, através de ações metodológicas dirigidas, ferramentas para que o grupo de professoras se utilizem das palavras para nomear quem são, o que fazem, o que pensam, o que percebem e o que sentem. Certamente, ao final desta pesquisa percebeu-se que os resultados foram, como Larrosa-Bondía afirma, “mais do que simplesmente palavras”. (Larrosa-Bondía, 2002, p. 21)

Seguindo essa perspectiva e reafirmando o propósito da Pretagogia como principal referência para este estudo, buscou-se em Sandra Haydée Petit o pilar para abraçar a prática da tradição oral africana relacionando-a com as manifestações culturais brasileiras, identificando as características comuns às africanidades. Afirma-se, assim como a autora, que primeiramente deve-se conhecer o que é a tradição oral na fonte, pois, nós afrodiáspóricos, desconhecemos as nossas origens africanas, apesar das inúmeras manifestações dessa tradição nos mais diversos eventos e espaços culturais. (Petit, 2015).

Elegeram-se, neste processo, as cartas pedagógicas como instrumento balizador das narrativas que serão apresentadas neste estudo. De acordo com Ana Lucia Freitas, a produção escrita por meio de Cartas Pedagógicas constitui um convite para dizer sua palavra e representa um desafio às autorias no percurso de ensinar e de aprender e a essa experiência constitui uma prática fecunda cuja produção de dados permite a investigação sobre o ensino. (Freitas, 2021)

Dessa forma, eu pesquisadora e professora negra atuante na educação básica, afirmo que o encontro com a “Pretagogia” reacendeu a chama da Mãe África em minha alma, pois considero que as minhas vivências, enquanto mulher e professora negra, não foram materializadas, registradas, historicizadas, refletidas, discutidas e legitimadas, pois afirmo que as narrativas das experiências vivenciadas por professoras negras tiveram e terão sua importância social legitimada, tornando-se produto histórico ao serem registradas por meio de cartas pedagógicas.

Pretagogia: abordagem metodológica, conceitos operatórios, dimensões operacionais e marcadores das africanidades

A Pretagogia é um referencial criado pela professora, de origem caribenha, Sandra Haydée Petit. Seus estudos universitários foram na Universidade Paris VIII de onde possui graduação em Línguas Estrangeiras Aplicadas bem como Mestrado e Doutorado em Ciências da Educação.

Conforme Currículo Lattes, Sandra é Professora da Universidade Federal do Ceará, trabalha com educação das relações etnicorraciais (ERER) e Educação Popular, essencialmente com os temas: pretagogia, cosmovisão/cosmopercepção africana, filosofia africana, pedagogias afrorreferenciadas, tradição oral africana, sociopoética, educação afrocomunitária e eventos tabanka.

É coordenadora do NACE- Núcleo das Africanidades Cearenses, que congrega professoras/es, alunas/os, pesquisadoras/es e membros do movimento negro que intervêm na área das africanidades, focando a produção e invenção de estratégias pedagógicas visando a implementação da lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da cultura e história africana e afrodescendente nas escolas públicas e particulares. Tem estudado particularmente textos de Sobonfu Somé e Vanda Machado.

Neste estudo, o livro *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores* (2015), foi a ferramenta que norteou a materialização das narrativas das professoras negras na elaboração das cartas pedagógicas. Sandra explica que a Pretagogia é um referencial criado para a formação de professores envolvidos em produzir dispositivos para implementar, nos currículos escolares e universitários, a história e as culturas africanas, afro-brasileira e Afrodiaspórica.

O fundamento da Pretagogia é valorizar as contribuições pedagógicas e filosóficas da matriz africana para a prática educacional, dessa forma, a autora explique que:

A Pretagogia exige um mergulho dentro de si, para falar na primeira pessoa, de seu lugar, não somente numa linhagem biológica que envolve a imensa maioria das famílias brasileiras, componentes próximos ou distantes afrodescendentes africanos e afrodiaspórico, esses últimos coletivos e absolutamente inegáveis. (Petit, 2015, p. 153).

De acordo com essa visão, trago as contribuições de Isabel Aparecida dos Santos sobre a responsabilidade da escola em promover formas de eliminar o preconceito racial. Para a autora, a escola pode garantir e promover o conhecimento de si mesmo, no encontro com o diferente, conhecendo o outro, pois, questionando o meu modo de ser, colocando em discussão os meus valores, portanto, diálogo. “Poderíamos falar de uma “Pedagogia do Conflito”, na qual as situações de conflito são vistas como uma possibilidade de ação educativa, portanto, não precisam nem devem ser evitadas”. (Santos, 2001, p. 106).

Em proposição a essas colocações, Sandra explica que na Pretagogia o uso da oralidade é fonte

de produção e modo de apropriação didáticos implicando em sensibilidade, respeito e envolvimento para com o outro, numa atitude política de valorização. Além disso, a Pretagogia assume uma postura de transformação ao realizar intervenções pedagógicas que visam contribuir deliberadamente para mudanças de posturas, com recursos direcionados para apropriação da cosmovisão africana. (Petit, 2015).

Para Munanga, o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos negros, interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca. Concorro com o autor, pois essa memória não pertence somente aos negros, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, essa memória pertence a todos, diante das contribuições de um na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (Munanga, 2019)

Dessa forma, há mais do que dificuldade de enxergar o negro, há sobretudo uma dificuldade de tomar por si, de apropriar-se da negritude com naturalidade, como resultado tanto de linhagem, história e memória, como de vivência, território e referência cultural.

Análise dos resultados da pesquisa

Debruçando-se neste processo investigativo, executou-se o curso de extensão “Pretagogia: construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula”, realizado entre os meses de novembro e dezembro de 2023. Os sujeitos da pesquisa foram representados por 08 (oito) professoras autodeclaradas negras, identificadas com nomes de flores (Violeta, Rosa, Margarida, Camélia, Tulipa, Dália, Lírio e Lótus), que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas municipais da cidade de Bagé, Rio Grande do Sul.

Considerando o trabalho de Unitarização e Categorização, realizados nas cartas pedagógicas, para a validação e representação dos metatextos aos fenômenos investigados, pode-se delinear que na Pretagogia, a importância da cosmovisão africana e a existência de valores que permitem identificar uma unidade, fios mais grossos que se destacam na teia circular da grande multiplicidade de expressões, é desses valores comuns que tratamos quando usamos o termo no singular, sem, no entanto, negar a multiplicidade.

Diante disso e considerando as vivências e experiências Pretagógicas de das professoras negras pesquisadas, defendo, assim como Sandra, que a Pretagogia é o instrumento basilar na missão de desvelar a história e cultura africana negada pelo Ocidente, portanto, é fundamental conhecer os valores da cosmovisão e, as expressões das tradições orais, identificar nelas os marcadores de africanidades e extrair desses valores e das práticas corporais envolvidas, inspirações concretas para a didática em sala de aula”. (Petit, 2015, p. 178).

Professora Lótus

Em 2019, deixei tema livre e além dos quatro jogos que eu conhecia os alunos trouxeram outras opções, eles me surpreenderam muito, foi um trabalho maravilhoso, fiquei muito feliz de ver a empolgação, a autonomia, o interesse deles em fazer o trabalho.

Em 2020 ano de pandemia fizemos um trabalho online com mensagens, mural de recados, poesias e os alunos postaram um vídeo e fotos do jogo que eles confeccionaram jogando com alguém da família.

Em 2021 os alunos pesquisaram matemáticos negros que se destacaram e assistimos o filme Estrelas além do tempo no auditório em Santa Teresa que conta a história real de três mulheres negras que trabalharam na NASA e participaram ativamente do lançamento do astronauta John Glenn em órbita, uma realização que restaurou a confiança na nação, incentivou a corrida espacial e estimulou o mundo.

Em 2022 o tema novamente foi livre e o que se destacou foi as alunas do 9º ano que submeteram um trabalho no 6º Encif com a prática que elas escolheram para apresentar na sala de aula e depois foram convidadas a participar da 4ª edição do Sarau Afro levando um pouco do trabalho que desenvolvemos na escola.

Em 2023, ingresso como mestranda na Unipampa (Universidade Federal do Pampa), onde fui apresentada aos conceitos de colonialidade e decolonialidade, que me abriram um leque de possibilidades de atividades com os alunos, hoje pesquisa e trabalho com eles sobre a matemática que os livros didáticos não contam, sobre as diversas contribuições dos negros na formação do nosso país, práticas pedagógicas que estimulam eles a discutir e refletir uma educação antirracista dentro da sala de aula, não só no mês de novembro, mas durante todo ano.

Professora Violeta

Em algum tempo desse universo surgiu uma Débora para informar e formar cidadãos conscientes de seu papel, de serem verdadeiramente humanos, pretos ou não.

Eu, professora há mais de 30 anos, ainda vejo, passos indecisos, terrenos arenosos para despertar a “Consciência Afro-brasileira”. Falta principalmente conhecimento e decisão.

Leis foram criadas para serem documentos de gaveta, pois não fazem parte do universo escolar, não são discutidos na comunidade, não são mencionados nos PPPs, currículos ou documentos que embasam a trajetória letiva escolar.

Sabes Débora, desejo ardentemente que esse curso seja apenas o início, o primeiro na construção de um lugar de fala. Que seja com diz a música “um sorriso negro, um abraço negro, a voz da verdade, a raiz da liberdade”.

Eu vejo em ti, querida aluna, esse novo universo, construído com muito estudo e sabedoria, galgando passo a passo com precisão e que cresça e se esparrame.

Diante desse cenário, concorda-se com Isabel Aparecida Santos, pois acredito que é tarefa da escola fazer com que a história seja contada a mais vozes e escrita por mais mãos sendo “necessário romper o silêncio a que foram relegados negros e índios na historiografia brasileira, para que possam construir uma imagem positiva de si mesmo” (Santos, 2001, p. 107). A missão da abordagem

afrocentrada é desvelar e estudar a produção africana negada por um Ocidente que se autodenominou o único dono da ciência, além de levantar, estudar e articular as bases teóricas e epistemológicas das expressões atuais da matriz africana de conhecimento.

Considerações finais

Este estudo fomentou neste grupo de mulheres negras a concepção de que são professoras com pertinência racial, portadoras de cultura e suas ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula interferem na constituição da identidade dos alunos. Espero, dessa forma, que nas escolas em que as professoras negras atuam consigam avançar em relação à realidade social diante do racismo estrutural existente e que possam levar a ideia de que o processo educacional é permeado por dimensões estruturadas e conhecimentos acerca das diferentes identidades, a diversidade, a cultura e as relações raciais.

Nos trechos retirados das cartas escritas pelas professoras negras, há vários relatos que confirmam a influência de suas experiências de vida nas práticas pedagógicas descritas. Porque isso acontece? Por que não podemos anular nossa cor, nossas origens, quem somos, de onde viemos, nossa cultura e identidade. Acredito que a Pretagogia vem alicerçar a pedagogia antirracista com uma ferramenta de valorização do pertencimento negro vislumbrando novos caminhos e novas realidades para os alunos negros e não negros.

Somos professoras negras que enfrentam e superam diariamente as barreiras sociais impostas para dificultar, coibir e desqualificar nossa história enquanto povo diaspórico que inegavelmente possui um papel histórico, social e político na construção desta sociedade racista que vivenciamos.

Referências

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

FREITAS, Ana Lucia de Souza. Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 11, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/35283/28907>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores**. Editora Porto: Porto, 2013. p. 63-78

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza edições, 1995.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Educa e autora, 2002.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores**. Editora Porto: Porto, 2013. p. 11-30.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: Pertencimento, Corpo-Dança, Afroancestral e Tradição oral Africana na Formação de Professoras e Professores. Fortaleza: EdUECE, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaia, 2021.

SANTOS, Isabel Aparecida. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. *In*: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2021. p. 97-113.

SOUZA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez, 2015.